

# **GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS: METODOLOGIAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

## **UNIDADE 4**

### VIVÊNCIAS DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

## FICHA TÉCNICA

Realização:



Ministério do  
Meio Ambiente



## EQUIPE TÉCNICA

Lucas Mello de Souza

Elaboração de conteúdo

Taciana Neto Leme

Revisor técnico geral



Esta obra foi licenciada sob uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)  
[Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)

## CURRÍCULO RESUMIDO DO CONTEUDISTA

**Lucas Mello de Souza**



Lucas Mello de Souza é Licenciado e Mestre em Geografia pela UFMG, coordenador do projeto Canta Cantos de comunicação do conhecimento geográfico ([www.cantacantos.com.br](http://www.cantacantos.com.br)), editor-eletrônico do periódico Geografias (UFMG) e editor do periódico Espinhaço (UFVJM). Foi professor substituto do IFMG, campus Ouro Preto entre 2011 e 2012.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>06</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>06</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1 OBJETIVOS.....</b>	<b>09</b>
1.1 Metodologia..... <b>2</b>	09
<b>SUGESTÕES DE VIVÊNCIAS DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS....</b>	<b>10</b>
2.1 Problemas de participação social na PNRH.....	10
2.2 Planejando uma reunião de CBH: temas, problemas e soluções.....	13
2.3 Elaborando planos estratégicos de mobilização.....	16
2.4 Outras vivências possíveis.....	28
<b>3 SÍNTESE.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Escassez de comida, de água e segregação social

Figura 2 – Grupo Focal com alunos do ensino fundamental

Figura 3 – Sociodrama

Figura 4 – Delibera

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Resumo da atividade

## APRESENTAÇÃO

O presente curso foi elaborado com o objetivo de contribuir no processo de trabalho dos membros dos Comitês de Bacias da Agência Nacional de Águas – ANA , como parte integrante do Projeto Água: Conhecimento para Gestão.

**Prezado Aluno,**

No decorrer desta unidade você deverá desenvolver competência para:

- Experienciar metodologias participativas na gestão dos recursos hídricos;
- Vivenciar atividades relativas a oficinas ou reuniões participativas;
- Produzir oficina do futuro como movimento de mobilização social.

## INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em dia em um mundo em que os homens inverteram a relação justa que já tiveram com a natureza. Alavancada pela técnica e impulsionada pela ambição, a humanidade modificou o meio ambiente e transformou a si mesma, imaginando cruzar a história rumo ao desenvolvimento inevitável, universal e infinito. Contudo, a história e a geografia do progresso mostra como ainda somos pequenos diante do Planeta Terra. A crise de múltiplas facetas na qual estamos todos inseridos é o reflexo mais evidente dessas mudanças e do fracasso social que observamos em todas as partes: mesmo com tanta tecnologia e recordes de produção ainda não conseguimos resolver problemas que afetam a dignidade humana, como a fome, a sede e a segregação (Figura 1).

Figura 1 – Escassez de comida, de água e segregação social



Fonte: Nota do Autor

Nesse sentido, BOFF (2009) sugere que precisamos de um “sonho coletivo para a humanidade”. Porém, esse projeto só poderá existir de fato se agirmos conforme os



seguintes orientações: (i) todos devem ter o direito de comer pelo menos uma vez ao dia, morar com dignidade e cuidar da sua saúde; (ii) todos devem se acostumar a pensar globalmente, mas agir localmente; (iii) todos devem ter o direito de usar os benefícios sociais que foram construídos coletivamente; (iv) todos devem ser respeitados e ser tratados com igualdade, mesmo sendo tão diferentes uns dos outros; (v) nenhum grupo isolado representa a humanidade, que é formada, essencialmente, pela alteridade e pela diversidade; e (vi) desenvolvimento de fato é quando há melhoria de bens e serviços, mas também da qualidade da vida humana.

A reciprocidade e a complementaridade cultural são, então, qualidades essenciais para construirmos um mundo melhor. Não adianta reconhecer a diferença e não se envolver com o diferente. O desenvolvimento sustentável verdadeiro só pode ser alcançado se os grupos sociais dialogarem entre si e aprenderem uns com os outros. Nesse sentido, a gestão participativa dos recursos hídricos é mais um passo para alcançarmos o “sonho coletivo”. A troca de saberes e de experiências deve ser o motor da nova etapa da civilização e é assim que fecharemos este curso: vivendo, conhecendo e dialogando.

## **1 OBJETIVOS**

Os objetivos de aprendizagem desta quarta e última unidade são: experienciar metodologias participativas na gestão dos recursos hídricos; vivenciar atividades relativas a oficinas ou reuniões participativas; e orientar sobre a atividade avaliativa.

### **1.1 Metodologia**

Para alcançá-los aproveitaremos as técnicas de facilitação, planejamento de atividades e metodologias participativas estudadas nas últimas duas unidades no melhor estilo “fazendo e aprendendo”! Realizaremos atividades presenciais buscando solucionar problemas concretos que envolvem a sociedade e o meio ambiente em torno da água. As metodologias de mobilização social serão usadas

como estratégia para lidar com essas questões. Para encerrar o curso todos devem produzir um material a ser postado no ambiente virtual de aprendizagem demonstrando como pretende aplicar as informações aprendidas no curso em sua atividade no âmbito do Comitê de Bacia Hidrográfica. O material pode ser um texto, vídeo, foto, música, etc. Use sua criatividade.

## 2 SUGESTÕES DE VIVÊNCIAS DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

A participação de todos os membros do CBH é essencial para o aprendizado coletivo e a troca de experiências sobre recursos hídricos. Cada um traz de casa, do trabalho ou da sua comunidade saberes capazes de enriquecer a discussão e sugerir novos rumos para a gestão das águas. É bom lembrar: diploma é bom, mas não é preciso ter um para participar! As diversas maneiras de ler o mundo e entender os problemas dos recursos hídricos (incluindo aí a ciência e a tecnologia) não devem ser interpretadas como formas de conhecimento competidoras, mas, sim, *complementares*. De acordo com HONSBERGER & GEORGE (s/d:20)

Descobrir a riqueza de experiências e recursos dentro do grupo é um começo motivador para qualquer oficina de aprendizagem. Ao reforçar aquilo que as pessoas já sabem, novas questões e estruturas podem ser integradas a opiniões existentes, levando à criação de níveis mais profundos de compreensão.

Assim, as sugestões de atividade abaixo serão responsáveis pelo encerramento do curso e, mais importante, pelo encontro das ideias apresentadas nas primeiras Unidades com as vivências desta última.

### 2.1 Problemas de participação social na PNRH

Os Comitês de Bacia Hidrográfica são os conselhos gestores mais importantes do Brasil (ABERS, 2009). No plano teórico, os CBHs traduzem os ideais da democracia participativa para a gestão dos recursos hídricos, que, desde a promulgação da Lei das Águas em 1997, reúne representantes dos governos federal, estadual e

municipal, da sociedade civil e dos usuários de recursos hídricos, como empresas de saneamento básico, indústrias, agricultores, etc. As competências dos Comitês são amplas, variadas e incluem negociações, aprovações, rejeições e definições, por exemplo, do valor que será cobrado pelo uso da água.

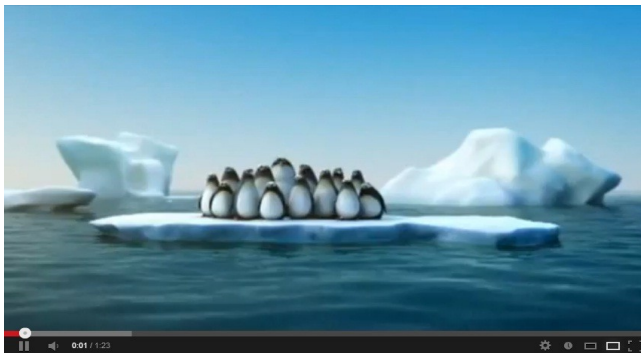
Entretanto, levar a democracia participativa da teoria até a prática exige a consideração de muitos aspectos que frequentemente conflitam entre si e apenas se tornam visíveis para todos os atores envolvidos quando são experimentados no nível de base da política: no caso da gestão das águas, as bacias hidrográficas. Assim, como tentativa de enxergar alguns desses obstáculos, conhecer atributos, opiniões e práticas que os envolvem em diferentes contextos e, quem sabe, discutir soluções que contribuam para a consolidação da gestão participativa dos recursos hídricos, discutiremos algumas questões em plenária<sup>1</sup>.

- a) Vocês acham que a multiplicação de espaços políticos, onde se possa ouvir, ser ouvido e fazer escolhas coletivamente (como nos Comitês de Bacias Hidrográficas), democratiza a tomada de decisão política? Por que?
1. Como superar as desigualdades econômicas entre os membros dos Comitês?
  2. Como superar as desigualdades políticas entre os membros dos Comitês?
  3. Como superar as diferenças de conhecimento entre os membros dos Comitês?
  4. Vocês acham que todos os membros do Comitê dispõem, de fato, do mesmo poder? Por que?
  5. Como é possível garantir a participação social em situações em que há assimetria de informações?

---

<sup>1</sup>As perguntas foram elaboradas para tocar “as três dimensões da democratização” conforme Abers (2009:117): (i) promoção da inclusão política; (ii) estímulo aos processos deliberativos interativos; e (iii) aumento do controle social sobre o Estado. As perguntas primárias (marcadas por letras) marcam os momentos mais importantes da discussão. As secundárias (sinalizadas com números) podem ser feitas ou não, mas registram sugestões de questionamentos a serem inseridos para “movimentar” o debate dentro das questões principais.

- b) Sobre a representatividade, o que vocês acham da composição atual do seu CBH?
1. Como vocês se tornaram membros de CBH?
  2. Quem (quais grupos sociais) vocês representam?
  3. Quais territórios (da bacia hidrográfica) vocês representam?
  4. Na opinião de vocês, os grupos sociais e os lugares mais vulneráveis da bacia hidrográfica estão bem representados? Por que?
- c) O que vocês acham da divisão das vagas entre os representantes do poder público, da sociedade civil e dos usuários de recursos hídricos no seu CBH?
1. Ela é equilibrada?
  2. Paritária ou não: ela é justa?



Exibição do vídeo complementar: “Trabalho em equipe com humor”. (Disponível em <http://goo.gl/YljFn>. Acesso em 17 de abril de 2013).

- d) O que vocês acham do funcionamento do processo deliberativo nos seus Comitês?
1. Como as atividades são definidas: em conjunto, em função de um grupo aberto às preocupações da maioria, ou por alguns membros mais atuantes, em função de um grupo fechado às preocupações da maioria?
  2. Na sua opinião, há espaço para argumentação e livre discussão no seu Comitê?

3. Vocês confiam no trabalho realizado e nas decisões tomadas no seu Comitê? Senão, por que?
- e) Qual é a opinião de vocês sobre a relação dos seus CBHs com as comunidades que representam?
1. Como vocês, enquanto representantes políticos, definem suas preferências no processo decisório? Consultam suas bases?
  2. Com que frequência a comunidade externa sugere assuntos para discussão ou soluções de problemas para o CBH?
  3. Como funciona a “prestação de contas” do Comitê? Na sua opinião, o repasse de informações para a comunidade funciona ou não? Por que?
  4. O que vocês acham que pode ser feito para dar mais transparência e visibilidade às decisões do Comitê que afetam a vida das pessoas?

### **2.2 Planejando uma reunião de CBH: temas, problemas e soluções**

Antes de começar a atividade a turma deve ser dividida em quatro grupos (com 7 ou 8 alunos em cada). Os critérios da divisão ficam a cargo do professor, que pode determinar a formação dos subgrupos ou deixar que os próprios alunos se organizem. Cada grupo deverá preparar uma reunião temática de CBH, com os problemas, as atividades e as ferramentas escolhidas para atender cada situação.

Como sugestão, indicamos 5 tópicos, todos ligados ao tema comum “situação dos recursos hídricos” da bacia hidrográfica (ANA, 2012): (i) disponibilidade e qualidade das águas (anomalias de chuva, disponibilidade hídrica superficial e qualidade das águas); (ii) demandas e usos múltiplos (usos consultivos e não consultivos); (iii) balanço hídrico (balanços quantitativo, qualitativo e quanti-qualitativo); e (iv) vulnerabilidades (eventos críticos, redução da vegetação nativa e mudanças climáticas). Na prática, a atividade está dividida em duas partes.

O objetivo da primeira é demonstrar que a preparação de uma reunião deve ser feita

sob medida, em conformidade com as condições humanas e físicas de cada bacia hidrográfica, mas também de acordo com as necessidades de gestão dos CBHs. Assim, usem suas experiências como habitantes, representantes políticos e membros de bacias hidrográficas para preparar as melhores reuniões possíveis obedecendo às seguintes orientações (mais detalhes em Unidade 2 – 2.4.1 Preparação de uma reunião/oficina):

- a) O primeiro passo é definir os *objetivos do encontro*. Como geralmente as reuniões dos Comitês têm mais de um problema a discutir, pode-se organizar esses objetivos em geral (principal) e específicos (secundários, mas ligados ao objetivo geral). Por exemplo: (i) o objetivo geral do encontro é iniciar a elaboração do Plano de Recursos Hídricos da bacia e (ii) os objetivos específicos são (a) apresentar a Lei das Águas para os membros do CBH; (b) compartilhar Planos-modelo de bacias hidrográficas vizinhas ou semelhantes; e (c) conhecer as demandas prioritárias dos usuários dos recursos hídricos e da sociedade civil organizada.
- b) O segundo passo é a *montagem da pauta*, que deve conter minimamente: a ordem dos assuntos ou temas a serem discutidos; as perguntas-chave que orientarão a discussão; e o tempo estimado para o debate de cada ponto. Essa programação deve considerar diversas variáveis, como o número de participantes que comparecerão (titulares ou suplentes), o conhecimento prévio dos mesmos sobre os pontos que serão debatidos (ex.: “o curso d’água foi atingido por produtos tóxicos que um caminhão carregava, mas tombou próximo às margens. O que é preciso saber sobre esses produtos ou sobre a limpeza do rio antes de começar a discussão?”), seus possíveis atrasos (em bacias muito extensas, alguns membros de CBH precisam viajar centenas de quilômetros para chegar aos locais onde ocorrem as reuniões), e mais. O(s) facilitador(es) devem levar em conta esses fatores e imaginar outros capazes de interferir no trabalho do Comitê para criar uma pauta viável de fato: uma listagem de pontos que possa realmente ser discutida em grupo,

com qualidade e em tempo hábil<sup>2</sup>.

- c) Com os objetivos da reunião definidos e a pauta montada, *a equipe organizadora deve se organizar*: dividir as responsabilidades a serem cumpridas (i) antes [sinalizar o local do encontro, reservar a sala, limpar os banheiros, organizar os móveis e os assentos (de preferência em círculo ou semicírculo), preparar o data-show e o equipamento de som, imprimir os materiais de apoio, preparar o lanche, etc], (ii) durante (receptionar os participantes, distribuir o material de apoio, ler a pauta em voz alta antes do início, movimentar o microfone entre os participantes, controlar o tempo de fala de cada um, auxiliar o facilitador, etc) e (iii) depois do encontro (recolher os materiais, redigir a ata da reunião, enviar informações ou cópias de documentos solicitadas, etc). Todos devem saber o que fazer na hora certa!

A segunda parte do exercício aborda as técnicas e instrumentos de facilitação que vocês podem usar durante as reuniões que prepararam (Unidade 2 – 2.4.2 Facilitação de uma reunião/oficina): problematização (2.3.1); trabalho em pequenos grupos (2.3.2); técnicas de visualização (2.3.3); coleta e organização de ideias (2.3.4); técnicas de priorização (2.3.5); sistematização de resultados (2.3.6); e outras ferramentas úteis (2.3.7). Apesar dos temas e problemas das bacias hidrográficas, os processos políticos participativos são feitos de encontros, mas, sobretudo, por diálogos (Unidade 2 – 2.2 Posturas e atitudes necessárias para processos participativos). Portanto, preparem as reuniões de modo que os participantes ensinem, mas também aprendam com os outros membros do Comitê.

Por fim, os trabalhos de cada grupo devem ser apresentados para o restante da turma, destacando os pontos-chave das reuniões preparadas (problemas relativos ao tópico do grupo) e explicando como e por que fizeram estas escolhas na segunda metade do exercício (atividades, técnicas e ferramentas de facilitação).

---

<sup>2</sup>O “pulo do gato”: o facilitador pode deixar algumas brechas, lacunas ou “vazios” entre os pontos que serão discutidos. Provavelmente, esse espaço será preenchido por temas/assuntos relevantes que surgirão de última hora, mas que se mostrarão importantes para o debate e outros imprevistos de um modo geral.

## 2.3 Elaborando planos estratégicos de mobilização

Na última atividade, todos os alunos devem elaborar planos de ação com o objetivo de mobilizar, mas, principalmente, incentivar a participação da sociedade na gestão dos recursos hídricos. Quanto mais próximos os membros dos Comitês estiverem das comunidades habitantes das bacias hidrográficas, mais representatividade e correspondência (transparência) existirão na gestão dos recursos hídricos da região. A atividade tem quatro passos:

- a) Na prática, deve-se, primeiro, estar ciente dos fundamentos e diretrizes da Lei das Águas, bem como das legislações estaduais e municipais que afetam a gestão dos recursos hídricos na sua bacia (Unidade 1 – 2.5 Participação social na Política Nacional de Recursos Hídricos). A estrutura legal serve como base para que os CBHs elaborem “estratégias de ação” e seus membros criem “planos de ação” individuais com vistas a alcançar e educar as mais variadas populações das bacias. Sendo assim, articular os regimentos das três esferas do poder público é o primeiro passo deste exercício.
- b) Segundo, deve-se considerar as estratégias de ação dos seus respectivos CBHs. Os planos individuais devem ser elaborados conforme perguntas simples, mas objetivas sobre o público-alvo e outros assuntos que o membro do Comitê e agente mobilizador precisa conhecer: *quem eu quero alcançar? Onde devo atuar? Quando devo atuar? Quais meios vou utilizar? Que recursos vou precisar? O que vou falar?* (Unidade 3 – 2.1 Estratégias de mobilização) Repare que a mobilização é uma atividade que busca flexionar o CBH para conhecer melhor as demandas socioambientais da bacia, mas também é uma oportunidade para que seus membros-representantes “prestem conta” do que vêm fazendo na gestão das águas. Assim, as respostas das questões acima servem para formatar os planos de ação de cada um, bem como estabelecer uma relação de troca, reciprocidade e transparência entre a comunidade da bacia hidrográfica e seu respectivo



Comitê.

- c) Terceiro, deve-se escolher uma das metodologias participativas apresentadas na Unidade 3 – Diagnóstico Rápido Participativo (2.2), Oficinas do Futuro (2.3), Planejamento Estratégico Situacional (2.4) ou ainda aquelas citadas ou implícitas nos casos de sucesso (2.6) – para compor suas estratégias de mobilização. A mobilização das comunidades em prol da gestão participativa das águas é um dos desdobramentos mais avançados da PNRH. Os planos de ação dos membros dos CBHs são individuais, mas buscam atingir a participação da sociedade, que, no final das contas, é o que pretendemos alcançar. As metodologias de participação social de fato são, nesse sentido, instrumentos que serão utilizados de modo distinto em cada situação, mas sempre carregando uma essência comum: os princípios da Lei das Águas.
- d) Feito isso, todos devem, em plenária, (i) apresentar os planos mobilização que elaboraram, deixando claro onde, com quem, o que vão dizer e como pretendem atuar; e (ii) justificar a metodologia participativa escolhida, explicando por que esta e não outra lhe parece melhor para envolver o público-alvo, divulgar o trabalho do CBH e consolidar a gestão participativa das águas em sua bacia hidrográfica. A ideia é que todos os participantes possam conhecer as estratégias uns dos outros para criticá-las positivamente e melhorarem mutuamente suas ações comunitárias.

Quadro 1 – Resumo da atividade			
Momento	O que fazer?	Fontes de informação	Tempo estimado
1. Fundamentos legais	- Conhecer a PNRH - Conhecer as leis de recursos hídricos estaduais	- Lei 9.433/1997 - Outras leis	30 minutos
2. Estratégias de ação do CBH	Conhecer o regimento interno do próprio CBH	Site do próprio CBH	30 minutos
3. Planos de	- Conhecer o	- Rede de Mobilização	1 hora

mobilização comunitária	público-alvo - Responder as questões (Unidade 2 – Tópico 2.1) - Escolher uma metodologia participativa (Unidade 3)	Social (RMS): <a href="http://goo.gl/2w52N">http://goo.gl/2w52N</a> - Rede Nacional de Mobilização Social (COEP): <a href="http://goo.gl/xM679">http://goo.gl/xM679</a> - Banco de dados de projetos de mobilização social: <a href="http://goo.gl/aPTy7">http://goo.gl/aPTy7</a>	
4. Socialização dos planos	- Apresentar o plano de mobilização: onde, quem, o que e como? - Justificar a metodologia participativa escolhida - Críticas e sugestões		2 horas

Fonte: Nota do Autor

## 2.4 Outras vivências possíveis

As três atividades sugeridas acima buscam a reflexão sobre a participação social, a prática da negociação política e o uso de diferentes metodologias participativas para a mobilização da comunidade. Porém, diversos fatores podem influenciar o resultado dessas experiências. Assim, outras vivências não citadas podem trazer resultados melhores conforme o contexto da aplicação. Logo, seguem abaixo outras experiências que podem ser usadas tanto aqui para encerrar o curso quanto nas suas realidades locais.

Figura 2 – Grupo Focal com alunos do ensino fundamental



Fonte: Disponível em <http://goo.gl/yNp2e>. Acesso em 19 de abril de 2013.

- a) *Grupo focal*: técnica de pesquisa que objetiva recolher informações sobre um determinado tema, problema ou produto num contexto de interação em que o facilitador “entrevista” os participantes ao mesmo tempo. Os grupos focais pretendem usar o fluxo de percepções dos membros do grupo para gerar um debate que indique tendências e/ou significados comuns ou em conflito. Duas das suas maiores vantagens são a produção de resultados rápidos e o baixo custo de realização (SOUZA, 2010).

Figura 3 – Sociodrama



Fonte:Disponível em <http://goo.gl/yeqSJ>. Acesso em 19 de abril de 2013.

- b) *Sociodrama*: surgiu no começo do século XX como um método para pesquisar e tratar grupos e suas inter-relações. O sociodrama pretende captar os processos grupais e intervir em situações problemáticas por meio da comunicação dramática. Na prática, a encenação de problemas, conflitos e sofrimentos comuns é a forma usada pelo facilitador para incentivar a expressão e a integração dos membros do grupo. As soluções surgem “*da liberação de papéis cristalizados em impressões inadequadas e a conseqüente facilidade em assumir novas condutas*” (NERY, COSTA E CONCEIÇÃO, 2006 p.206).

Figura 4 – Delibera



Fonte: Disponível em <http://goo.gl/rCGCn>. Acesso em 19 de abril de 2013.

- c) *Delibera*: permite diagnosticar, negociar e deliberar com eficiência em grandes grupos. Os participantes usam cartões coloridos e desenhados para expressar visualmente seus posicionamentos sobre questões colocadas pela organização do encontro: “a favor” (ok), “mais ou menos” (+-), “contra” (X) ou “não sabe” (?), por exemplo. A agilidade e a certeza quantitativa dos resultados obtidos com esse método são os seus pontos fortes (Bosch, 2002).

## 3 SÍNTESE

Podemos chamar de “vivência” o conhecimento adquirido no processo de viver uma situação, realizar alguma coisa ou experimentar algo novo. Pensando assim, participar de um Comitê de Bacia Hidrográfica é um exercício de cidadania, mas também uma ação educativa, na qual os envolvidos, das mais diferentes origens e formações culturais, ensinam e aprendem ao mesmo tempo, ouvindo diferentes pontos de vista e contando também as suas histórias. Viver a gestão participativa dos recursos hídricos é, portanto, antecipar um pouco do nosso futuro comum. Assim, as vivências propostas e/ou experimentadas nesta última Unidade mostram um pouco da complexidade que existe em todo CBH. Elas foram pensadas para estimulá-los a desenvolver metodologias participativas nas suas realidades locais. Desse modo, 40 horas e incontáveis experiências depois (que não podem ser enumeradas com tanta facilidade) encerramos a nossa participação (autores, revisores e professores). No entanto, não queremos que o curso acabe aqui. Pelo contrário, gostaríamos que o conteúdo aqui presente se multiplicasse nas suas práticas como membros de CBHs e representantes políticos de uma nova fase democrática, aumentando, dessa maneira, a participação social na gestão dos recursos hídricos e contribuindo, mais ainda, para garantirmos um futuro melhor para as próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

ABERS, R; KECK, M. **Comitês de bacia no Brasil - uma abordagem política no estudo da participação social**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 6, n. 1. 2004.

ABERS, R; JORGE, KD. **Descentralização da gestão da água - por que os comitês de bacia estão sendo criados**. Ambiente & Sociedade, v. 8, n. 2. 2005.

ABERS, RN (et al). **Inclusão, deliberação e controle - três dimensões de democracia nos comitês e consórcios de bacia hidrográfica no Brasil**. Ambiente & Sociedade, v. 12, n. 1. 2009.

ACSELRAD, Henri. **Ambientalização das lutas sociais - o caso do movimento por justiça ambiental**. Estudos Avançados, v. 24, n. 68. 2010.

ANA. **Atlas Brasil - abastecimento urbano de água - panorama nacional** (v. 1). Brasília - Agência Nacional de Águas - Engecorps-Cobrape, 2010a.

ANA. **Atlas Brasil - abastecimento urbano de água - resultados por estado** (v. 2). Brasília - Agência Nacional de Águas - Engecorps-Cobrape, 2010b.

ANA. **O Comitê de Bacia Hidrográfica - prática e procedimento**. Cadernos de Capacitação em Recursos Hídricos (vol. 2) - Agência Nacional de Águas. Brasília - SAG, 2011.

ANA. **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil** - informe 2012. Ed. Especial. Brasília - Agência Nacional de Águas, 2012.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Política pública, gestão municipal e participação social na construção de uma agenda de direitos à cidade**. Scripta Nova, v. 14, n. 331.

2010.

BARRETO, Douglas. **Perfil do consumo residencial e usos finais da água.** Ambiente Construído, v. 8, n. 2. 2008.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política.** Brasília - Editora da UnB, 1998.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida - a nova centralidade.** Rio de Janeiro - Record, 2009.

BOSCH, Eduardo Rombauer van den. **Caderno de propostas - métodos e atitudes para facilitar reuniões participativas.** São Paulo - Coordenadoria do Orçamento Participativo da PSP e Fundação Friedrich Ebert-ILDES, 2002.

BOSON, Patrícia. **Cobrança pelo uso da água - posicionamento da FIEMG.** Disponível no site do CNRH. 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos - escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável.** Brasília - MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

CAMPOS, VNO; FRACALANZA, AP. **Governança das águas no Brasil - conflitos pela apropriação da água e a busca da integração como consenso.** Ambiente & Sociedade, v. 13, n. 2. 2010.

CGEE. **A questão da água no nordeste.** Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, ANA. Brasília, 2012.

CNRH. **Conjunto de normas legais - recursos hídricos.** 7ª ed. Brasília – Ministério do Meio Ambiente - Secretaria de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano - Conselho



Nacional de Recursos Hídricos, 2011.

DOWBOR, M; HOUTZAGER, P; SERAFIM, L. **Enfrentando os desafios da representação em espaços participativos**. São Paulo - CeBraP, Centre for the Future State e Institute of Development Studies, 2008.

FARIA, AAC; FERREIRA NETO, PS. **Ferramentas do diálogo - qualificando o uso das técnicas do DRP - diagnóstico rural participativo**. Brasília - MMA-IEB, 2006.

FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org). **Encontros e caminhos - formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores (volume 1)**. Brasília - MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org). **Encontros e caminhos - formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores (volume 2)**. Brasília - MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2007.

GALIZONI, FM; RIBEIRO, EM. **Bem comum e normas costumeiras - a ética das águas em comunidades rurais de Minas Gerais**. Ambiente & Sociedade, v. 14, n. 1. 2011.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo - Editora UNESP, 1991.

GOMES, Marcos Afonso Ortiz. **Desenvolvimento de um processo participativo**. Compilação de BROSE, Markus (org) "Metodologia participativa - uma introdução a 29 instrumentos". S-d.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Brasília - MMA, 2006.

HONSBERGER, J; GEORGE, L. **Facilitando oficinas - da teoria à prática**.

Treinamentos de Capacitores do Projeto Gets - United Way do Canadá, s-d.

IIDA, Itiro. **Planejamento estratégico situacional**. Produção, v. 3, n. 2. 1993.

JACOBI, PR; FRACALANZA, AP. **Comitês de bacias hidrográficas no Brasil - desafios de fortalecimento da gestão compartilhada e participativa**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 11-12. 2005.

LENVOLINO, SA; PELICIONI, MCF. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 35, n. 2. 2001.

MEC. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Brasília - MEC-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 1992.

MMA. **Monitoramento e avaliação de projetos - métodos e experiências**. Brasília - Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MMA. **Os diferentes matizes da educação ambiental no Brasil - 1997-2007**. Brasília - MMA-Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental, 2008.

NERY, MP; COSTA, LF; CONCEIÇÃO, MIG. **O sociodrama como método de pesquisa qualitativa**. Paidéia, v. 16, n. 35. 2006.

OIT. **Manual de capacitação e informação sobre gênero, raça, pobreza e emprego - guia para o facilitador**. Brasília - Organização Internacional do Trabalho, 2005.

OLIVEIRA, José Roberto Guedes de. **Reflexões sobre a água - uma contribuição ao CBH-PCJ**. Disponível no site do CNRH. 2003.

PEREIRA, DSP; GARJULLI, R (coord). **Evolução da organização e implementação da gestão de bacias no Brasil**. Brasília - Agência Nacional de Águas, 2002.

PINHEIRO, MIT; CAMPOS, JNB; STUDART, TMC. **Conflitos por águas e alocação negociada - o caso do vale dos Carás no Ceará**. Revista de Administração Pública, v. 45, n. 6. 2011.

RIBEIRO, EM; GALIZONI, FM. **Água, população rural e políticas de gestão - o caso do vale do Jequitinhonha**. Ambiente & Sociedade, v. 5, n. 2. 2003.

ROCHA LOURES, Rodrigo C. da. **Educar e inovar na sustentabilidade**. Curitiba - UNINDUS, 2008.

SALLES, Valéria. **Facilitação de reuniões, seminários e grupos de trabalho - manual prático**. Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças, 2006.

SEMA-PR. **Bacias hidrográficas do Paraná - série histórica**. Secretaria de Meio Ambiente-Governo do Estado do Paraná. Curitiba, 2010.

SENRA, JB; FRIEDRICH, NM; DUAILIBI, M. **Ciranda das águas**. Itaipu Binacional, SRHU-MMA & Instituto ECOAR. S-d.

SILVA, Francisco Carlos Bezerra e (org). **Reflexões & dicas - para acompanhar a implementação dos sistemas de gestão dos recursos hídricos no Brasil**. Brasília - WWF-Brasil, 2005.

SORRENTINO, Marcos. **Desenvolvimento sustentável e participação - algumas reflexões em voz alta.** *In Loureiro, CFB (et al).* Educação ambiental - repensando o espaço da cidadania. São Paulo - Cortez, 2002. p. 15-21.

SOUZA, Matilde de. **Solidariedade e interesses na gestão de recursos hídricos.** Tese de doutorado. Belo Horizonte - UFMG, 2004.

SOUZA, Lucas Mello de. **Canta Cantos - uma forma alternativa de se fazer geografia.** Dissertação de Mestrado. PPG-Geografia, IGC-UFMG. Belo Horizonte, 2010.

TONI, Jackson de. **O que é o Planejamento Estratégico Situacional.** Revista Espaço Acadêmico, n. 32. 2004.

VARGAS, Gloria Maria. **Conflitos sociais e sócio-ambientais - propostas de um marco teórico e metodológico.** Sociedade & Natureza, v. 19, n. 2. 2007.

VIEIRA, Andrée de Ridder. **Água para vida, água para todos - guia de atividades.** Brasília - WWF-Brasil, 2006.

VIEIRA, Andrée de Ridder. **Água para vida, água para todos - livro das águas.** Brasília - WWF-Brasil, 2006.

VIEZZER, Moema L. (et al). **Círculos de aprendizagem para a sustentabilidade - caminhada do coletivo educador da Bacia do Paraná III e Entorno do PN do Iguaçu 2005-7.** Foz do Iguaçu - ITAIPU Binacional; MMA, 2007.

WWF. **Águas no Brasil - a visão dos brasileiros.** Brasília - IBOPE Opinião, 2006.